

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

DUAS INSCRIÇÕES MEDIEVAIS DO MUSEU DE "MARTINS SARMENTO".

CARDOSO, Mário

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Duas inscrições medievais do Museu de "Martins Sarmiento".
Revista de Guimarães, 73 (3-4) Jun.-Dez. 1963, p. 281-289.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Duas inscrições medievais do Museu de «Martins Sarmento»

Por MÁRIO CARDOZO.

Entre os anos de 1880 e 1892, Francisco Martins Sarmento prestou a Emílio Hübner que era então o pontífice máximo da epigrafia latina hispano-romana, um franco e notável contributo para a elaboração do grande Suplemento ao II volume do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, monumento grandioso da erudição germânica do século XIX. Mas, quanto o insigne estudioso vimaranense era versado e arguto na interpretação dos textos funerários e votivos das nossas lápides da época da romanização, era, por sua vez, pouco ou nada conhecedor da paleografia medieval. Ele próprio o confessava, numa carta dirigida em 1880 ao Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, abade de Tãgilde, a propósito de uma lápide com inscrição funerária do começo do século XIV, em caracteres unciais, aparecida na freguesia de S. Torcato, do concelho de Guimarães, e parece que procedente do antigo mosteiro românico que ali existiu.

O Abade de Tãgilde, diplomata insigne, que mais tarde viria a ser o organizador da preciosa colectânea de documentos históricos referentes a Guimarães—*Vimaranis Monumenta Historica*—consultou nessa ocasião, Martins Sarmento sobre certas dúvidas que a leitura da aludida inscrição lhe havia suscitado. A resposta epistolar do erudito vimaranense não se fez esperar, e começava neste termos: «*V. Ex.ª quer que eu ensine o padre-nosso ao vigário. Pouco sei de paleografia da Idade Média, que tem ficado completamente fora dos meus estudos*» (1). Contudo, Martins Sarmento não recusou a sua opinião

(1) Colecção epistolar, na Secção de Manuscritos Reservados da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

embora hesitante e muito deficiente, como adiante veremos.

A inscrição dessa lápide que actualmente se encontra no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmiento foi publicada, pela primeira vez, no *Catálogo da Secção Lapidar* do referido Museu (1), e mais tarde reeditada pelo ilustre epigrafista Senhor José Maria Cordeiro de Sousa (2). Eis a sua reprodução e interpretação ortográfica:

: E M̄ : CCC : X̄ : III : VII : X̄ : KS̄ : IVNII : OB :
 D̄ O N̄ : P E L A G I D̄ : I O H̄ I S : P O R :
 S Ā T I : T O R C A T I : C V I D̄ : A I A :
 I N : P A C E : R E Q̄ E S C A T : A M E N

Trata-se, como se vê (Fig. 1), de uma pequena tábula em granito cinzento, de grão muito fino, com as dimensões de 15×25 centímetros, e os caracteres bem gravados, cujo tamanho, no sentido da altura, oscila entre 17 e 23 milímetros.

Este interessante monumento epigráfico parece que foi adquirido naquele mesmo ano de 1880 por Cesário Augusto Pinto, grande amador de antiguidades, a quem Martins Sarmiento aludia, em 1898, na seguinte nota de um dos seus escritos: «*Cesário Augusto Pinto, hoje falecido, era um dos homens de mais rija tẽmpera que tenho conhecido, e ao qual a arqueologia deve não poucos serviços*» (3).

Ora Cesário Pinto havia remetido, nessa ocasião, para Coimbra, uma cópia da citada inscrição aos Drs. Simões de Castro, adjunto da Biblioteca da Universidade, e Aires de Campos, director do Museu arqueológico do Instituto de Coimbra, ambos considerados autoridades em assuntos

(1) Mário Cardozo, *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento. Parte I: Secção lapidar e de escultura*, Guimarães, 1935, p. 109, n.º 134.

(2) J. M. Cordeiro de Sousa, *Apointamentos de Epigrafia Portuguesa*, Lisboa 1937 (2.ª ed.), estampa VI.

(3) F. Martins Sarmiento, «*Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães*», *Revista de Guimarães*, vol. XV, 1898, p. 100, nota 2.

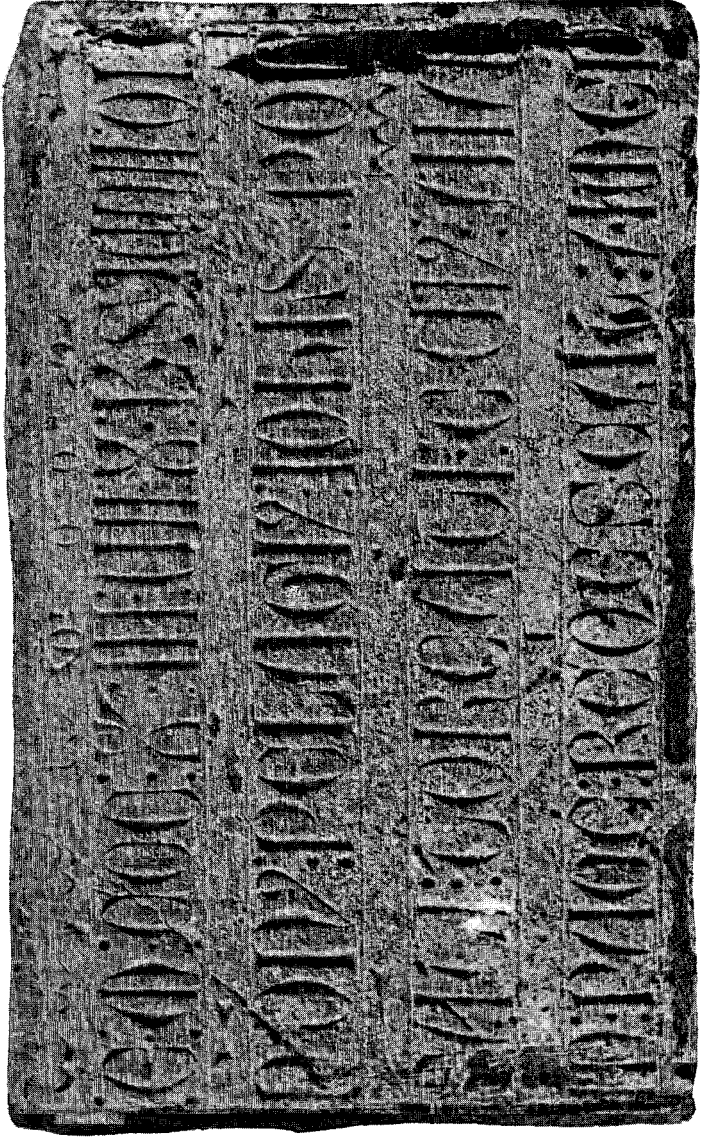


Fig. 1

de história e de arqueologia (1), os quais se pronunciaram traduzindo correctamente a referida epígrafe latina, excepto no respeitante à era, que eles interpretaram como sendo MCCCXIII, em lugar de MCCCXLIII, desconhecendo o verdadeiro valor do X^c *aspado*, isto é, com um traço curvo, ou *aspa*, na haste superior direita desse algarismo, como nitidamente se vê na inscrição, representando assim o nexo de X com L, que deste modo toma o valor de 40, e não o valor 10, que o X simples tem (2). A leitura correcta da era é portanto 1343, correspondente ao A. D. de 1306, e não a era de 1313, como os eruditos conimbricenses traduziram, que corresponderia ao A. D. de 1275.

Cesário Augusto Pinto não se deu por satisfeito com a lição obtida, que lhe deixou dúvidas, entre as quais a respeitante à interpretação da palavra POR, última da 2.^a linha da inscrição, que os dois estudiosos de Coimbra haviam lido, aliás acertadamente, como sendo a abreviatura da palavra P(ri)OR, insistindo porém Cesário Pinto que a última letra era um B e não um R. Ora, de facto, era um R; certo desgaste na pedra é que desfigurava um pouco essa letra, e lhe dava a aparência de um B.

Tendo Cesário Pinto transmitido ao seu amigo Abade de Tãgilde, em carta de 29 de Abril de 1880 (3), o resultado da consulta que fizera aos arqueólogos Simões de Castro e Aires de Campos, terminava assim a epístola: «*Hoje, remeto a cópia para Braga, ao Caldas* (4),

(1) Augusto Mendes Simões de Castro foi um erudito escritor e bibliógrafo, nascido em Coimbra em 1845 e falecido em 1932. Bacharel em Direito, foi adjunto da Biblioteca da Universidade e escreveu diversos artigos históricos e arqueológicos acerca de Coimbra e Buçaco. Sócio do Instituto de Coimbra, desempenhou ali as funções de secretário da Secção de Arqueologia.

João Correia Aires de Campos, nascido em Lisboa em 1818, formado em Direito em Coimbra, ali exerceu a advocacia, dedicando-se paralelamente aos estudos literários e históricos. Sócio do Instituto de Coimbra, foi director do Museu Arqueológico daquela Colectividade.

(2) Vide J. M. Cordeiro de Sousa, *op. cit.*, p. 47.

(3) Coleção epistolar da Bibl. da Sociedade Martins Sarmento.

(4) O Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, natural de Vizela, que era professor do Liceu de Braga e cultor apaixonado das antiguidades nacionais. Faleceu em 1903, com a avançada idade de 85 anos.

sem lhe dar a saber cousa alguma dos passos que temos dado; não espero d'ali a solução do enigma, mas sim um improviso engraçado (1). Dé conhecimento disto ao nosso amigo Dr. Sarmiento. Digam ambos o que lhes parece».

Martins Sarmiento, consultado por sua vez pelo Abade de Tãgilde, aconselhou, (depois de ter confessado, como atrás dissemos, a sua pouca segurança no assunto em discussão) que escrevessem ao Dr. Filipe Simões, ou, então, a Gabriel Pereira (2). Qualquer deles daria boa conta de si. No entanto, não se eximiu ele próprio a dar a sua interpretação pessoal da legenda, nos seguintes termos, que transcrevemos na íntegra (3):

«Era 1313 dii (por die?) 10 kalendas junii obiit | Roius (por Rodericus) Pelagius Johannis (filius), poblator (= natural de) | S. Torcati, cujus anima | in pace recoescat. Amen.»

(1) O Dr. Pereira Caldas publicou numerosos trabalhos sobre diversos assuntos, entre os quais a Arqueologia e a Epigrafia ocuparam lugar destacado. Nem sempre, porém, é recomendável a consulta desses escritos, de estilo enfático muito pessoal, dada a fragilidade das bases em que se apoiavam os seus raciocínios e críticas literárias ou científicas. Foi, contudo, um incansável investigador e notável bibliófilo. Dele dizia Leite de Vasconcelos, em carta para Martins Sarmiento: «Tenho muito medo às suas divagações, estilo, etc.» (Vide *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*, Guimarães 1958, p. 128).

(2) Augusto Filipe Simões, nascido em Coimbra em 1835, falecido em 1884. Formado em Medicina, foi professor do Liceu de Évora, prestando naquela cidade notáveis serviços como organizador do Museu de Cenáculo e restaurador do chamado Templo de Diana. Em 1875 foi nomeado lente substituto da Universidade de Coimbra e catedrático em 1883. Arqueólogo apaixonado, deixou uma obra de bastante valor, intitulada *Introdução à Arqueologia da Península Ibérica*. Era sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Instituto de Coimbra e pertencia à Academia das Ciências.

Gabriel Pereira, natural de Évora, nasceu em 1847 e faleceu em 1911. Coursou a Escola Naval, mas desistiu dessa carreira, enveredando no professorado liceal. Dedicou-se com invulgar competência aos estudos históricos e arqueológicos, deixando uma série de trabalhos sob o título de *Estudos Eborenses*. Pertenceu à Academia das Ciências, foi director da Biblioteca Nacional de Lisboa e Inspector das Bibliotecas e Arquivos.

(3) Vide Colecção epistolar da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, e também «*Antiqua*» (Manuscritos inéditos de Martins Sarmiento), Caderno 40, p. 77.

Nesta leitura, francamente errónea, revelou Martins Sarmento a sua insegurança na análise da inscrição. Ele próprio acentua a sua insatisfação ao acrescentar, em seguida, na mesma carta: «*Mas não dou dez reis por esta interpretação*».

De facto, o primeiro erro diz respeito à era, que ele leu também como sendo 1313, em vez de 1343; o segundo, está na leitura DII, que supôs referência à palavra *dia*, em vez de ler número VII, como lá está, confundido assim um V com um D; em terceiro lugar leu *Roius*, tomando um D por um R, e considerando aquela palavra como a abreviatura de RO(der)I(c)VS, quando o que a lápide contém é a palavra DO(mi)NVS; em seguida, no final dessa linha, interpretou a palavra POR como significando PO(blato)R (= *natural de*) (1), em vez de lhe atribuir o sentido, mais racional, de P(ri)OR; finalmente, na última linha, leu *recoescat*, confundindo um Q com um O, quando a palavra que lá se encontra, com toda a clareza, é REQ(u)IESCAT, com o I sobreposto ao Q, e faltando apenas a letra U. Foi realmente desastrosa a leitura de Sarmento.

Entretanto, Cesário Augusto Pinto escrevia novamente para Coimbra, a Simões de Castro, insistindo nas dúvidas que a interpretação recebida ainda lhe deixara. Em nova carta, de 23 de Maio desse ano (2), respondia-lhe o erudito conservador adjunto da Biblioteca da Universidade, dizendo ignorar o que representava a *aspa* do X da primeira linha, a que ele chamava «excrecência», mas insistindo na interpretação da abreviatura POR com o significado de *Prior*.

(1) Sobre a palavra *poblator*, empregada por Sarmento, vide Viterbo, *Elucidário das palavras*, 2.º vol. (1799), p. 222, s. v. «*Pobradores*, ou *pobladores*», que assim eram chamados os caseiros ou colonos de algum reguengo foreiro à Corôa, ou os indivíduos que primeiro povoaram alguma vila, castelo ou terra notável, e ainda os que posteriormente aí vieram habitar. Parece, portanto, que o significado «*natural de*», que M. Sarmento atribuiu a esta palavra *poblator*, não é muito exacto, pois, segundo Viterbo, não era necessário que o *poblador* de uma determinada terra tivesse aí nascido: bastava ter vindo residir nela, para ser considerado seu *povoador*.

(2) Colecção epistolar da Biblioteca da Soc. Martins Sarmento.

Encerrando este breve debate, Martins Sarmiento, que foi sempre muito senhor das suas opiniões e não gostava que o contradissem, teimou na sua interpretação pessoal, aliás flagrantemente errada. Contudo res-salvava a incerteza do seu ponto de vista, em nova e última carta para o Abade de Tágilde, dizendo: «*Deixe-me porém repetir que eu, destas coisas, não sei nada, e que os decifreadores de Coimbra, além de se darem a estes estudos, têm, no Instituto (1) e noutras partes, monumentos góticos que viram*».

*

A propósito da inscrição a que acabamos de aludir e da curiosa discussão a que ela deu lugar, não queremos deixar de aqui registar também uma outra pequena lápide do Museu de Guimarães (Fig. 2), igualmente interessante, com o texto gravado como o daquela em caracteres unciais, porém mais antiga 43 anos, isto é, de meados do século XIII. Consta, como a anterior do Catálogo do Museu, que publicámos em 1935 (2). Eis a sua transcrição:

: Ē : M̄ : CĊC · IĪI · IDʒ : DECĒ
 BRIS : OĪ : MARINA : GONS
 ALVI : VXOR : MARTINI : PAL
 ONBI : CVIʒ : AIĪA : REQUESCA
 T : ĪPACE : AĪE : ✠

Esta linda inscrição funerária, magnificamente conservada, está insculpida num calcário brando (pedra de

(1) Referência ao *Instituto de Coimbra*, prestigiosa e veneranda instituição centenária, fundada em 1852, tendo como objectivo a cultura literária e científica. Possui uma excelente Biblioteca e publica uma Revista de investigação do mais alto prestígio. Em 1873 criou um Museu de Arqueologia, cujo recheio transitou mais tarde para o actual Museu de «Machado de Castro», para a fundação do qual contribuiu assim o Instituto. Também à iniciativa da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra se devem os primeiros trabalhos de exploração das ruínas de Conimbriga, bem como os do restauro da Sé Velha.

(2) Mário Cardozo, *op. cit.*, p. 108, n.º 183.

Ançã), e pertencia ao Mosteiro de Santa Marinha da Costa (1), de onde transitou para o Museu da Sociedade Martins Sarmento, em data que ignoramos, como desconhecemos qual tenha sido o oferente.

Encontrava-se naquele Mosteiro encastrada na parede do claustro, conforme se relata num fólho manuscrito hoje pertencente à Secção de Reservados da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, intitulado *Memória das Notícias pertencentes a este Mosteiro de Santa Marinha da Costa tiradas do seu cartorio pello R.^{mo} P. M. D.^{or} Fr. Christovão da Cruz, Monje de S. Jeronimo, Lente de Prima, e Vice-Reitor da Universidade de Coimbra* (2).

(1) Corre na tradição que este Mosteiro, situado na encosta do Monte da Penha, em Guimarães, foi fundado pela Rainha Dona Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques. Inicialmente pertencera aos frades da Regra de Santo Agostinho, passando em 1528 para os monjes hieronimitas. No reinado de D. João III, foi neste convento instituída uma pequena Universidade, destinada ao ensino das Humanidades e das Artes, tendo sido ali educados o infante D. Duarte, filho natural do rei, e o infante D. António, que foi mais tarde o célebre Prior do Crato, também filho ilegítimo do irmão do rei, infante D. Luís. Ao Reitor do Colégio da Costa, que era o Prior do Mosteiro, foi, por alvará de 1541, concedida a faculdade de conferir aos seus escolares grau de licenciados, bachareis e mestres em Artes, com privilégios iguais aos dos escolares que se graduavam em Coimbra. Tradições respeitáveis possuía assim este Colégio, do qual foi Reitor, antes de o ser da Universidade de Coimbra, Frei Diogo de Murça, doutorado pela Universidade de Louvain. Mestres de nomeada, mandados contratar no estrangeiro pelo rei, com destino à Universidade de Coimbra, passaram anteriormente pelo Mosteiro da Costa. Há poucos anos, foram lamentavelmente destruídos por um incêndio no convento os azulejos historiados, do século XVIII, que ornamentavam as paredes do grande corredor das celas. Durante a 1.^a Dinastia, vários reis enriqueceram este Convento com muitas imunidades, legados, concessões de reguengos e confirmações de privilégios (vide *Vimaranis Monumenta Histórica*, Guimarães, 1908, documentos n.º 164, 190, 196, 204, 220, 236, 237, 242, 243 e 272). É «monumento nacional».

(2) Este interessante manuscrito in-fólho, oferecido à Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento pelo falecido consócio Dr. João Martins de Freitas, foi em 1910 publicado na «Revista de Guimarães» (Vol. XXVII, pp. 30, 55 e 137). Deve ter pertencido ao Cartório do Mosteiro. Tem 65 folhas, com letra cursiva, bem legível, e notas à margem, num tipo de letra diferente. Possivelmente tratar-se-á de uma cópia do original de

A *Noticia 6.^a* do referido manuscrito, que trata «Dos Letreiros que se achão no Claustro, e Igr.^a», regista a existência no referido claustro, de quatro inscrições, duas delas «no Lanço da porta travessa para a Igr.^a, em hũas pedras tamanhas de hum palmo, asim na altura como no comprim.^{to}, e metidas na parede, e asima do meio della». Uma destas é a que pertence actualmente ao Museu de «Martins Sarmento», e que, no Manuscrito de Frei Cristóvão da Cruz, foi transcrita correctamente, excepto na indicação da era, tomada como de 1303, em vez de 1300, não se reflectindo que o número III se referia ao 3.^o dia (*antes dos*) Idus de Dezembro (= 11 de Dezembro de 1262), e não de Outubro, como por lapso Frei Cristóvão registou:

*Era 1303 idibus Octobris obiit
 Mexina Goncalvi uxor Martini
 Palombi, cujus anima requiescat in pace
 Amen.*

A outra inscrição, que estava a par da anterior, indicava a era de 1311 (A. D. 1273) e dizia respeito a um «Mercator Vimaranensis». As duas restantes, que o Manuscrito menciona também metidas na parede do claustro, «no Lanço do Refectório», pertenciam respectivamente

Frei Cristóvão da Cruz. Este monje, que era lente de Escriitura Grande da Universidade de Coimbra, foi, em 5 de Maio de 1751, nomeado, por uma provisão régia e D. José, lente da Cadeira de Prima da Faculdade de Teologia, que vagara pela aposentação, no ano anterior, do lente Dr. Luís António Salazar Jordão (Arquivo Nac, da Torre do Tombo, *Registo de Provisões do Reino*, de 1750 a 1761, fl. 35. Provisão publicada nos *Documentos para a História da Universidade de Coimbra*, coligidos por Mário Alberto Nunes Costa, vol. I, Coimbra, 1959, p. 41). Frei Cristóvão da Cruz faleceu em 1754, conforme reza o texto de uma outra provisão, que nomeia seu sucessor na Cadeira de Teologia Mestre Frei Feliciano da Conceição (Vide Mário Nunes Costa, *op. cit.*, p. 196-197).

às eras de 1312 e 1314. Todas quatro, portanto, da segunda metade do século XIII (anos de 1262, 1273, 1274 e 1276).

E é curioso notar que a datada de 1312, (do 7.º dia dos «Idus Februarii» ou seja de 7 de Fevereiro de 1274) se refere a um «Domnus Petrus Nuni olim Prior Sancti Torquati». Tratava-se portanto de um outro «*Prior* de S. Torcato», o que de certo modo vem corroborar a boa interpretação dada por Simões de Castro e Aires de Campos à abreviatura POR, ou seja P(ri)OR, gravada nessa inscrição tão clara, e na qual tanto matutaram Cesário Pinto, o Abade de Tãgilde e Martins Sarmento.